

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Monte Alegre

código
AII - FO3 - Pa

localização
RJ-125

município
Paty do Alferes

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residência / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



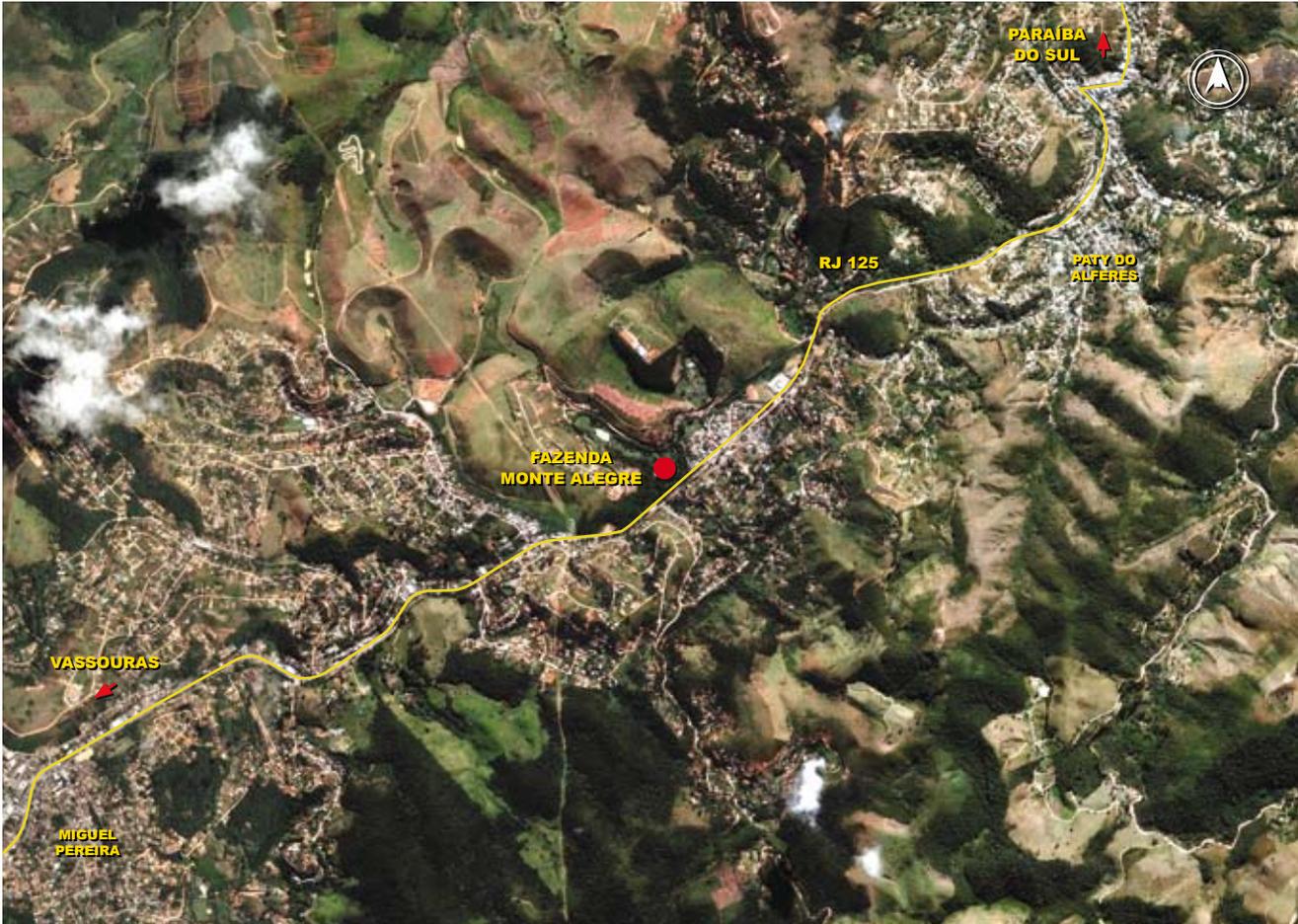
fonte: IBGE - Miguel Pereira



Fazenda Monte Alegre, fachada principal.

coordenador / data **Noemia Lucia Barradas Fernandes - jan 2009**
equipe **Noemia Lucia Barradas Fernandes, Ícaro Cerqueira e Daniel Bráz**
histórico **Milton Cabral (resumido por Adriano Novaes)**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

A Fazenda Monte Alegre está localizada às margens da RJ-125, no trecho entre Paty do Alferes e Miguel Pereira, na Avenida Cesar Lates, quase divisa entre estes dois municípios.

A fazenda situa-se em uma área privilegiada, de aproximadamente 200.000m². Originalmente era uma das maiores propriedades da região, mas com a crescente urbanização foi se integrando a área urbana de Paty do Alferes (f01 e f02).

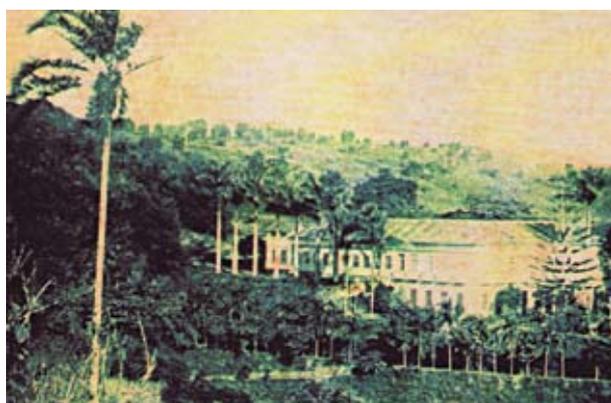
Cercada por uma bela composição arbórea, a área configura-se como um pequeno jardim botânico, que conta com vegetação nativa e recantos delicadamente pensados, além de possuir, por toda a propriedade, esculturas estrategicamente posicionadas denotando um paisagismo elaborado (f03).

Entrando na fazenda passa-se por uma alameda de palmeiras centenárias (f04) – provavelmente uma antiga via entre os municípios de Paty do Alferes e Miguel Pereira que perdeu sua função com a abertura da rodovia estadual (f05) – paralela a RJ-125 e a um riacho (f06), que passa dentro da propriedade. No meio da alameda encontra-se a porteira da fazenda, num pontilhão sobre o rio (f07), percorrendo-se a estrada interna que possibilita o acesso à casa-sede, que está localizada sobre um outeiro.

Na propriedade há diversas construções contemporâneas; a nordeste um açude (f08) e um atelier de esculturas (f09) e a noroeste uma galeria de arte (f10).



01



02



03



04



05



06



07



08



09



10

O solar da Fazenda Monte Alegre é uma construção assobradada assentada sobre o desnível natural do terreno, possibilitando que a edificação seja térrea em sua parte posterior (f11 e f12). Em decorrência disso, o primeiro pavimento possui menores dimensões, sendo limitado por um muro de arrimo em pedra. O pavimento superior possui uma área maior e teve agregado a seu corpo uma varanda que está aposta aos fundos. O pavimento inferior possuía o mesmo pé-direito do superior (4,50m) e não se configurava como um porão, mas sim um andar de uso da família, já que se tratava da casa de fazenda de um barão muito importante na época, o Barão de Paty do Alferes.

A edificação sofreu muitas modificações ao longo dos anos tendo sido alteradas algumas de suas características formais e volumétricas importantes. Além da incorporação da varanda de fundos ao corpo da casa, foi demolido um corredor fechado e coberto – uma espécie de nave (f13) –, que interligava a casa-sede à capela. Atualmente resta apenas o presbitério e o altar-mor (f14), separados da casa.



11



12



13



14

Fronteiro à fachada principal do sobrado há um jardim francês com espelhos d'água e algumas esculturas (f15 e f16), tendo-se deste platô a vista parcial da alameda de palmeiras.

Internamente, a casa conta no pavimento térreo com um vestíbulo ladeado por algumas cômodos que funcionam como depósito, escritório e estar, além de uma grande sala de jogos. A escada interna de acesso ao pavimento superior também se localiza no vestíbulo, levando a uma sala de estar no segundo andar, tendo, à sua direita, uma ala íntima e, à esquerda, a ala de serviços. Aos fundos está a sala de jantar, que possibilita o acesso à cozinha, a varanda e a parte externa dos fundos desta edificação (f17).

Talvez a conformação espacial de hoje seja um pouco diferente daquela de antes do incêndio da década de 1970, mas a setorização atual é bem interessante, pois, normalmente, após o acesso à edificação, tem-se, sucedendo a uma primeira ala social, uma segunda ala mesclando os setores íntimo e social e uma terceira ala de serviço. No caso da Fazenda Monte Alegre essa setorização funcional ocorre sobre o eixo longitudinal; setor social ao centro, à esquerda serviços e a direita o setor íntimo.

O sobrado sofreu inúmeras modificações, assim, não se pode perceber sua organização espacial interna original, mas, segundo documentos e de acordo com a iconografia antiga, pode-se supor que a casa seja da segunda metade do séc. XIX.



15



17



16

A fachada principal (f18) mantém referências originais da época de sua construção, com o equilíbrio entre cheios e vazios refletindo-se na simetria e alinhamento dos vãos, sendo 11 no pavimento inferior (de janelas e de portas) e 11 portas de balcão, no pavimento superior. Todas apresentam-se com cercaduras em cantaria e vergas e sobre-vergas retas. As janelas são duplas, externamente em guilhotinas de caixilhos de vidro e internamente almofadadas (f19 e f20). As portas são almofadadas apresentando duas folhas de abrir em madeira (f21 a f23).

A cimalha que faz o acabamento do beiral recebe uma barra decorada com a aplicação de volutas de guirlandas em estuque, tendo ao centro um arranjo floral com a data da construção: 1861 (f24).

Nas fachadas laterais encontram-se elementos que compõem a arquitetura característica deste sobrado, como os cunhais em pedra com base ressaltada e a escadaria de interligação entre os platôs da frente e dos fundos (f25 e f26).



18



19



20



21

A edificação apresenta planta retangular, cobertura em quatro águas em telhas cerâmicas tipo capa e canal. Todo o embasamento e a estrutura da casa foram executados em pedra (f27 e f28). Originalmente sobre seus baldrames se apoiavam as estruturas vertical e horizontal (esteios, barrotes e madres) em madeira, tendo os vazios preenchidos em pau-a-pique. A vedação em pau-a-pique e parte de sua estrutura em madeira perdeu-se no incêndio da década de 1970 (f29). O fechamento das paredes foi substituído por alvenaria de tijolos maciços e a estrutura de madeira por vergas e pilares em concreto. A madeira que sobrou foi reutilizada na cobertura e na varanda.

As esquadrias são em madeira e recebem pintura à óleo nas cores azul e branco (f30 e f31). Os forros, também em madeira, foram parcialmente substituídos, mas mantém o desenho original em alguns cômodos (f32 e f33).

Todo o piso, em tábuas largas com junta cega, segue a paginação encontrada nos vestígios do incêndio, sendo que dois cômodos ainda mantém o piso original. A escada interna é em madeira torneada, levando ao pavimento inferior no qual o ladrilho hidráulico é utilizado em quase todos os cômodos. Nas portas de saída para o jardim, as soleiras e o passeio são em cantaria (f34 e f35).



22



23



24



25



26



27



28



29



31



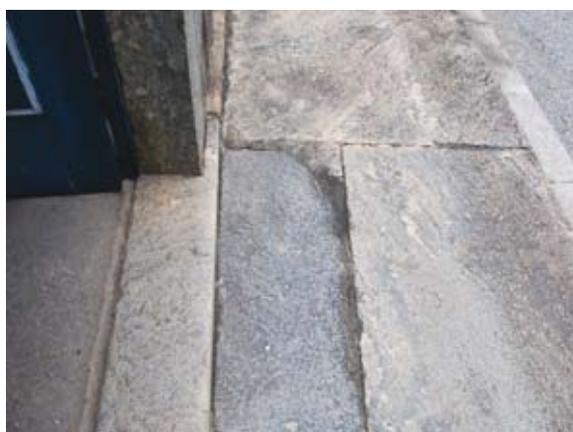
30



32



33



34



35

A edificação sofreu um grande incêndio na década de 1970 (f36 a f37). O atual proprietário ao adquirir a propriedade iniciou uma série de intervenções ao longo dos anos 1980 com o objetivo de restaurar e recuperar a casa em seu aspecto formal.

A fazenda encontra-se atualmente em bom estado de conservação e as patologias encontradas não comprometem a integridade do imóvel. A edificação é usada como residência e por esse motivo sua manutenção é constante.

O único problema percebido foi a umidade ascendente no embasamento (f38 e f39).

O entorno da casa é úmido (f40) devido a massa de vegetação existente e, em decorrência disso, uma grande quantidade de folhagem cai sobre a cobertura podendo acarretar entupimentos ou quebra de telhas.



36



37



39



38



40

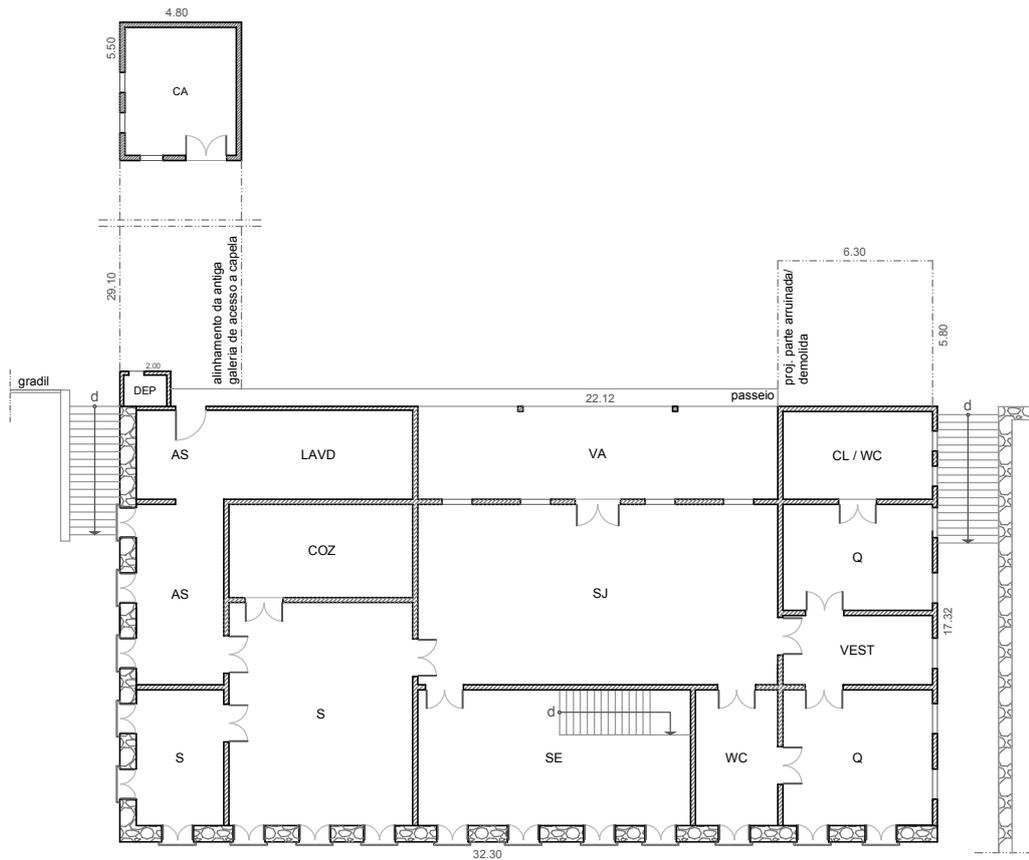
FAZENDA MONTE ALEGRE



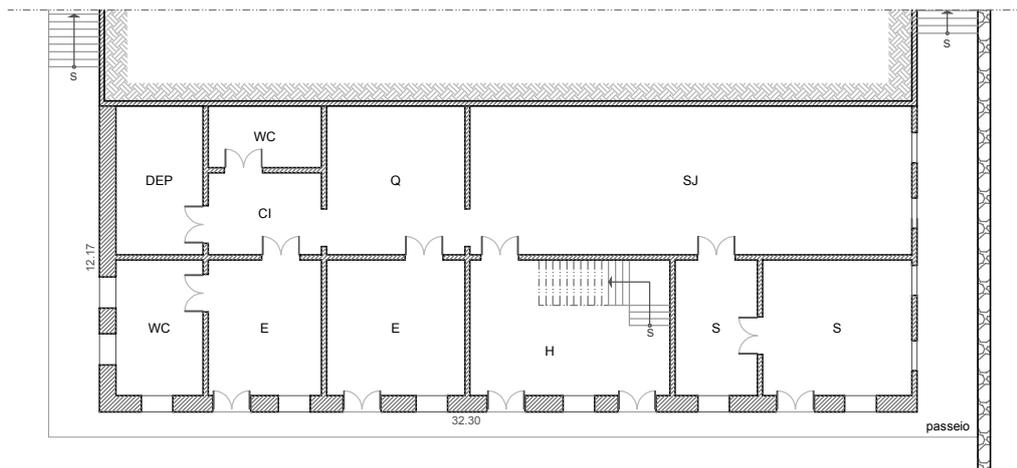
1 Implantação
escala: 1/2000

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		AII - F03 - PA		1/2	
equipe:	desenhista:	revisão:	data:		
Noemia Barradas / Daniel Bráz / Ícaro Cerqueira	N. Barradas / D. Bráz	Francyla Bousquet	jul 2009		

FAZENDA MONTE ALEGRE



2 Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
escala: 1/300



1 Planta Baixa da Sede - Térreo
escala: 1/300



AS - área de serviço	CL - closet	DEP - depósito	LAVD - lavanderia	SJ - sala de jantar	VEST - vestiário	alvenaria existente
CA - capela	COZ - cozinha	E - escritório	S - saleta	Q - quarto	WC - banheiro	alvenaria demolida
CI - circulação	DE - despensa	H - hall	SE - sala de estar	VA - varanda		

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AII - F03 - PA

2/2

equipe:
Noemia Barradas / Daniel Bráz / Ícaro Cerqueira

desenhista:
N. Barradas / D. Bráz

revisão:
Francyla Bousquet

data:
jul 2009

A história da Fazenda Monte Alegre está fortemente ligada à de seu mais importante e ilustre morador, Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, o Barão de Paty do Alferes, membro do “Clã dos Werneck”, clã este que dominou por quase 200 anos a maior parte das terras na “Serra Acima”, como era conhecida esta parte da então Província Fluminense.

Não foi o Barão quem construiu Monte Alegre, porém, é certo que desde o ano de 1855 ele residiu nesta fazenda, fazendo dela seu centro de negócios e de documentação, arquivos, etc... Das várias fazendas que possuía (sete, com centenas de escravos) era a melhor aparelhada, melhor localizada, possuidora do melhor quadro de profissionais especializados (enfermeiros, sapateiros, lavadeiras, etc., só carpinteiros havia 10) e a que possuía melhores instalações. A Monte Alegre chegou a abrigar 200 escravos, por volta de 1859.

Uma grande reforma ocorreu nesta fazenda por volta de 1861 – ano que vamos ver em destaque na fachada – por uma razão curiosa. O imperador Pedro II veio de Petrópolis a Paty do Alferes de surpresa pela picada do Paty – hoje Estrada do Imperador - em 1858, e foi recepcionado pelo Barão de Paty em sua casa no centro de Paty (posteriormente transformada em hotel, esta casa não mais existe, foi demolida). Apesar dos insistentes apelos feitos ao Imperador para que pernoitasse em Paty, tudo indica que outros compromissos o obrigaram a seguir viagem, frustrando seus anfitriões, a despeito das ótimas impressões levadas por Pedro II. Assim mesmo decidiu o Barão promover grande reforma em sua Fazenda Monte Alegre, para colocá-la à altura de visitantes ilustres como o Imperador. E assim fez. Lamentavelmente, no mesmo ano da conclusão das reformas – 1861- morreria o Barão de Paty aqui mesmo, na Monte Alegre, em 22 de novembro, vítima de congestão cerebral (hoje conhecida como AVC), mal que já o afligia há algum tempo.

Monte Alegre possuía em seus melhores tempos: casa de moradia com oratório próprio; moinho; engenho de farinha; 59 lances de senzala; pilões; serraria; olaria; forno apetrechado; 2 lances de casa para guardar carros; 10 lances de armazéns de café e tulhas; um canavial; cafezais; 9 enfermarias para os escravos, etc.

Em seu interior havia mobilias de mogno, jacarandá, cedro e peroba, um bellissimo piano, serviços de louça da Índia, incluindo aparelhos de porcelana com o brasão da família, além de outros objetos de luxo.

Disponha o Barão para seu transporte, dos familiares e amigos mais íntimos (ou hóspedes ilustres) de 5 carros, 2 carretões, 2 carroças, 1 carro de 4 rodas e 2 liteiras, além de adequada estrebaria com cavalos de raça para suprir tudo isto com tração animal.

Com a morte do barão, sua esposa Maria Isabel, apesar da inexperiência, assumiu seus negócios com mão firme até sua morte, em 1866.

Por herança da Baronesa de Paty, coube a fazenda à sua filha Maria Isabel Peixoto de Lacerda Werneck de Castro, futura Viscondessa de Arcozelo, em função de seu casamento com Joaquim Teixeira de Castro, visconde de mesmo título, a partir de 1874.

A Viscondessa manteve um interessantíssimo diário por ela mesmo manuscrito – o que era relativamente raro, na época, mulher alfabetizada – que dá uma boa visão do dia a dia em Monte Alegre: as cozinheiras dos escravos levantavam-se antes mesmo do nascer do sol para acender o fogo sob caldeirões de ferro apoiados em imensos fogões de lenha. O feitor ou um dos capatazes então se encaminhava para o sino de bronze, a fim de despertar os negros acomodados na senzala. Havia sempre um sistema rígido a seguir: nos dormitórios mais espaçosos ficavam os casais e em quartos comuns dormiam os solteiros, tanto homens quanto mulheres. Alertados pelo sino, levantavam-se imediatamente de suas tarimbas de tábuas e cada um pegava sua ferramenta pendurada nos beirais da senzala: enxada, machado, foice e outras.

Da senzala rumavam para a cozinha própria dos escravos, onde então recebiam a primeira ração do dia, constituída por um bom café bem encorpado, um bom pedaço de pão, pedaços de rapadura e um prato de angu.

Enquanto isto, no interior da casa grande, os escravos “de porta adentro” encarregavam-se de arrumar a mesa dos senhores e tratavam de apagar as velas ou os pesados lampiões de azeite de mamona, ajeitando tudo e limpando para servir a primeira refeição da família.

O dia transcorria de maneira lerda, com as escravas cuidando do asseio dos quartos e salas, servindo café e chá para a família ou a eventuais visitantes, enquanto os negros e os feitores, supervisionados pelas cavalgadas de inspeção de surpresa dos patrões, tratavam da lavoura e dos animais.

Já à noite, a família do fazendeiro recolhia-se bem cedo – no caso de não aparecer visitante – sempre acompanhada atentamente pelas mucamas. Essas se incumbiam de levar a água morna para lavar os pés cansados dos senhores que chegavam exaustos das lavouras, providenciando possíveis “banhos de assento” para as senhoras e sinhazinhas.

Às mesmas cabia também distribuir pelos vários quartos os vasos sanitários para uso dos familiares, recolhendo-os na manhã seguinte para despejo, tão logo todos se retirassem para o trabalho.

Depois de todas as providências noturnas, as mucamas e demais escravos encarregados de proporcionar o conforto dos patrões (como fechar janelas e cerrar as cortinas dos vários cômodos e salões, colocar chinelos aos pés das camas, deixar sobre as cômodas os jarros com água ao lado de copos, etc.) pediam a benção aos senhores e senhoras, desejavam bom sono a mancebos e sinhazinhas, verificavam o conforto e a segurança das crianças, apagavam todas as luzes e buscavam um repouso em seus humildes dormitórios ou no cantinho escuro das senzalas.

Porém, apesar do fausto vivido por alguma (poucas) gerações do clã dos Werneck na Monte Alegre, a história prosseguiu implacável. Por força de vários fatores econômicos, como principalmente o esgotamento da terra para o plantio de café um virtude de tratos culturais inadequados e da abolição da escravatura, os Werneck, empobrecidos, tiveram de deixar a fazenda em 1911. Vendeu-a a Viscondessa de Arcozelo, filha do Barão de Paty, já viúva do Visconde, a um membro de família aparentada, Joaquim Ribeiro de Avelar.

A Viscondessa teve de mudar-se para uma pequena fazenda, morando, segundo depoimento de seus próprios parentes, numa casa “meio de colono” onde veio a falecer, com enterro de pobre, em carro de boi, seguido por cortejo de ex-escravos descalços e maltrapilhos. Consta até que o custeio do funeral foi feito pela família da zeladora do cemitério, já que os filhos da falecida “já estavam tão pobres que não tinham dinheiro”.

Daí em diante a Monte Alegre foi fragmentada, tendo a casa passado por várias mãos, como Sabino de Robertis, Antonio Faustino Porto e até mesmo de uma empresa que a transformou em hotel e cassino.

Finalmente, chegou às mãos de seus atuais proprietários "...que a compraram em ruínas e por preço irrisório. Levaram 6 anos para restaurá-la, com uma equipe de 3 artesãos, com enormes dificuldades para seguir os padrões originais, inclusive do paisagismo do artista francês Glaziou nos jardins".

Mais tarde, seguindo o projeto básico dos paisagistas José Tabacow e Cíntia Chamas, os atuais jardins foram sendo implantados. Atualmente os jardins e as construções coloniais totalmente restauradas abrigam o Parque de Esculturas Lúcia Miguel Pereira. Além das esculturas do proprietário o Parque também expõe trabalhos de Maria Martins, Agostinelli, Ângelo de Aquino e João Goldberg dentre outros renomados artistas.



Salão interno da Fazenda Monte Alegre, s.a, c.1940 (acervo da Fazenda Monte Alegre)

41



Pátio interno da Fazenda Monte Alegre, s.a, c.1940 (acervo da Fazenda Monte Alegre)

42



Capela da Fazenda Monte Alegre, vista por fora , s.a.c.1940
(acervo da Fazenda Monte Alegre)

43



Lateral da Fazenda Monte Alegre, s.a, c.1940
(acervo da Fazenda Monte Alegre)

44